

Dança
Black Box
Duração aprox: 1h30

18 e 19 dez
19h00

Piny G RITO

CCB

Conceito, coreografia e direção artística **Piny**
Interpretação e cocriação de movimento **Adrielle 'Nala',
Aina Lanas, Catarina Ribeiro, Leo, Maria Antunes, Piny**
(participação em residência de **Julianne Casabalis, Lúcia Afonso,
Monaxi e Vânia Vaz Doutel**)
Sonoplastia e *live act* **Carincur**
Design de iluminação **Carolina Caramelo**
Figurinos **Louise L'Amour, Veronique Divine, Piny**
Produção **Joana Costa Santos**
Fotografias **Pedro Jafuno**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Municipal do Porto
/ DDD – Festival Dias da Dança**

Apoios **DGArtes, Bolsa O Espaço do Tempo e La Caixa**

Residências Artísticas **Teatro Municipal do Porto – Teatro do
Campo Alegre, O Espaço do Tempo, alcantara, Estúdios Victor
Cordon – Residências Artísticas**

.G RITO

A mulher e a descolonização do corpo feminino têm sido assuntos prementes no meu trabalho e que quis continuar a desenvolver. Através das ligações, da história, das tensões, das proibições e dos desejos, quis explorar as áreas cinzentas entre luta e sexo, entre cuidado e erotismo, entre dor e prazer, pois sinto que essas dualidades são também o espelho do corpo individual e do coletivo.

Para o espetáculo .G RITO reuni uma equipa de mulheres: oito intérpretes em cena, incluindo a operação de luz e o *live act* sonoro.

A música conduz, a voz assume o papel de instrumento primordial e a máquina torna-se o guia do ritual. Existe uma colaboração com Carincur, artista que nos últimos anos tem elaborado a sua prática e pesquisa através de experiências simbólicas que dobram os tecidos sócio-tecnológicos, onde a imagem do humano normativo é tecida num trabalho híbrido com a tecnologia. Da euforia à contemplação meditativa. E, assim, cruzámos universos.

Reuni este grupo de mulheres como forma de continuação do alerta e protesto de que precisamos de ocupar espaços e de mudar a narrativa histórica, como afirmação de poder e prazer, mas também como um elogio poético aos nossos corpos que existem e resistem numa sociedade ostensivamente patriarcal e limitada por códigos religiosos, também eles patriarcais.

Procuramos um espaço seguro de purga e partilha, de anulação de fronteiras entre feminino/masculino; ancestralidade/modernidade; dentro/fora; orgânico/máquina. Quase como tentar colocar tudo e tanto, que eventualmente se tornará numa só coisa, um só local, uma só voz.

Vivemos no meio de um tempo onde o passado parece demasiado acessível, mas a história é contada por quem a escreve e é preciso perguntar que história nos está a faltar. E, no entanto, este espetáculo é sobre o presente e um futuro que anda em círculo com o passado. É sobre os sons amplificadas, a cena *clubbing*, o êxtase que precisamos e a sociedade «civilizada» que, na batida 4/4 do tambor ritual, encontra eco na música eletrónica de hoje. Somos todos o mesmo tempo e tempo nenhum. Junta-nos assim o território global. Os movimentos nascidos em processos de resistência de grupos sociais hoje (e sempre) tantas vezes marginalizados. E se nos tiram os estados de êxtase e sublimação, tiram-nos uma das maiores essências que temos. Deixamos de ser.

Existe uma anulação do tempo formal em cena. Não é hoje apenas, porque trazemos muito do antes e do depois. Procuramos algumas vozes que são nossas e das outras, porque o lamento, o choro, o carpir, o gritar, o cantar não precisam de um território, são absolutamente transversais no tempo e no espaço. Usamos a voz da máquina também, na multiplicação do nós num infinito intemporal. Mergulhamos na nossa cultura portuguesa, que é também mestiça. É ontem e é amanhã. É rural e urbana.

Criamos um espaço onde não existe nunca a clareza de onde estamos ou quando. Cruzamos tradições, rituais rurais com rituais urbanos, rituais privados e públicos, tantas vezes proibidos, sabendo que o que fazemos e somos nos condenaria à morte em muitos países. E só esse grito é tremendo. Poder existir num corpo que se quer livre, que quer escolher, que pode gerar filhos ou não, que pode ser corpo irmã ou corpo tesão, erotismo, amor. Que pode cuidar ou destruir. Que pode desejar o outro ou o mesmo.

O corpo da mulher é colonizado em todas as sociedades, há definitivamente um trauma e uma necessidade de descolonização, assim como de reparação e criação de um lugar de segurança e poder, desintegrado das práticas patriarcais. O nosso corpo é um instrumento político.

Temos em comum danças, canções e histórias vividas entre a memória, o esquecimento, a rua, a casa, a academia e uma cultura *clubbing*. A cultura ibérica, judaica, árabe, a cultura afro norteamericana, a cultura afro-brasileira, a cultura luso-africana e a desconstrução de uma cultura orientalista. Temos uma aproximação ao movimento como forma de transcender o corpo físico, conectado a rituais espirituais concretos ou aos que encontramos numa *battle* ou numa *cypher*. E estes espaços que evocamos são tão contemporâneos quanto remotos, evocam celebrações, rituais, transcendência, espiritualidade, competição e exibição. São humanos, sim, mas são também de passagem, de celebração dos nossos corpos.

Questionamos os espaços tradicionais, privados, rituais, em relação ao espaço formal de apresentação, ao palco como potência de transformação, de performatividade ritual, de protesto social e político, de poesia e subversão. Questionamos as relações que se estabelecem entre nós, a fronteira entre o carinho e o erotismo, o cuidado e a dor, ou onde o instinto se revela nas relações que assumimos como familiares ou sexuais e as suas fronteiras. Que códigos são sociais e que limites não ponderamos sequer cruzar? Somos corpos onde há irmandade, sororidade e também desejo e tesão.

Há sem dúvida um lado provocador e provocante. Qual a fronteira do toque? É o erotismo de um corpo inerente a ele ou parte das construções de quem observa? O que é o género e que relações constroem se o anularmos? É a exacerbação do ego uma forma de resistência? Sobre a identidade, sobre as relações, sobre os afetos, sobre o agora. Do que é a sociedade hoje, do que é o espaço da arte e em que medida a experiência artística é ainda uma resistência e uma lupa sobre a sociedade?

Piny

(...) Procuramos um espaço seguro de purga e partilha, de anulação de fronteiras entre feminino/masculino; ancestralidade/modernidade; dentro/fora; orgânico/máquina. Quase como tentar colocar tudo e tanto, que eventualmente se tornará numa só coisa, um só local, uma só voz. (...)





Piny

Piny nasceu em Lisboa, em 1981, e tem ascendência portuguesa e angolana. Terminou, em 2007, a licenciatura em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e, em 2009, uma pós-graduação em Cenografia. Neste mesmo ano, completou a formação em Cenografia, Dança e Arquitetura em Paris, na École National d'Architecture e no Centre National de la Danse. Trabalhou durante quatro anos como arquiteta e escreveu a tese final de licenciatura sob o tema *Tipologias habitacionais do Alto da Cova da Moura*, após investigação no terreno durante um ano. Em 2012, terminou a licenciatura em Dança na Escola Superior de Dança.

O percurso na dança começou em 1999, onde iniciou os estudos em danças do Médio Oriente e Norte de África e, desde 2006, tem feito paralelamente o seu percurso de aprendizagem, pesquisa e ensino de danças urbanas norte-americanas (*breakdance, hip hop, house, vogue, waacking*) e de fusão destas linguagens. Este estudo tem sido feito um pouco por todo o mundo (Europa, América, Ásia e África), formal e informalmente.

Iniciou, em 2012, o projeto de dança *Orchidaceae*, coletivo feminino de pesquisa e fusão de linguagens urbanas, do Médio Oriente e contemporâneas, tendo apresentado, desde 2014, o seu trabalho em diversos festivais na Europa, América do Sul, Central e do Norte e também em diversos países na Ásia e África. Leciona a nível nacional e internacional desde 2007 e organiza festivais de dança de fusão, *battles* e debates sobre danças urbanas, contexto político e social da dança, orientalismo e apropriação/apreciação cultural.

Como intérprete, colaborou com Kwenda Lima, Alice Joana Gonçalves, Filipa Francisco, Tiago Guedes, Victor Hugo Pontes, Ricardo Ambrózio, Tânia Carvalho, Raquel Castro, Cristina Planas Leitão e Marco da Silva Ferreira, com quem trabalha desde 2011.

Em nome próprio, paralelamente ao trabalho desenvolvido nas danças urbanas e fusões, destaca os espetáculos *Corpo (i)lógico* (Criadores Emergentes em 2011); *Periférico* (em colaboração com Vhils para a BoCA – Biennial of Contemporary Arts); *Sacred Geometry - a meditative State* (para o LOOP – Festival de Danças Urbanas); e *HIP. a pussy point of view*, estreado no Festival DDD (Porto) e apresentado no CCB em 2020.

JÁ A SEGUIR > 13 E 14 JAN 22

Qui e Sex, 21h00

Grande Auditório

M/12 anos

Duração: 1h45 s/intervalo

Companhia Olga Roriz *Insónia*

Insónia é um espetáculo dirigido por Olga Roriz para um elenco renovado e criado em parceria com a equipa criativa das peças anteriores.

A entrada de novos elementos no corpo de bailarinos renova pontos de vista e opções estéticas.

Uma reivindicação do lugar do corpo, da sua energia à sua fragilidade.

O corpo intranquilo de carne exposta.

A selvajaria de ser mulher ou de ser homem num mesmo mundo erótico.



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2021/2022



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

